

QUEM FOI RUDOLF PANNWITZ?

Werner Heidermann
Edeli Kubin Sarda
Universidade Federal de Santa Catarina

De cem pessoas bem formadas na Alemanha, no máximo uma conhece o nome de Rudolf Pannwitz (1881-1969). Seu trabalho impressionante – do qual tratará esta comunicação – deixou poucos vestígios. Porém um destes vestígios é marcante: Walter Benjamin menciona Rudolf Pannwitz em seu famoso ensaio sobre “A tarefa do tradutor” do ano de 1923.

Benjamin cita de um livro de Pannwitz, “A crise da cultura européia”, e avalia as observações como sendo “facilmente o melhor (...) que já foi publicado na Alemanha sobre a teoria da tradução”¹.

O trecho utilizado e tão elogiado por Benjamin segue-se da seguinte maneira:

Nossas traduções (mesmo as melhores) partem de um falso princípio, elas querem germanizar o sânscrito, o grego, o inglês, ao invés de sanscritizar, grecizar, anglicizar o alemão. Elas possuem um respeito muito maior diante dos próprios usos lingüísticos do que diante do espírito da obra estrangeira... O erro fundamental de quem traduz é apegar-se ao estado fortuito da própria língua, ao invés de deixar-se abalar violentamente pela língua estrangeira. Sobretudo quando traduz de uma língua muito distante, ele deve remontar aos elementos últimos da própria língua, onde palavra, imagem, e som se tornam um só; ele tem de ampliar e aprofundar sua língua por meio do elemento estrangeiro; não se tem idéia em que medida isso é possível, até que ponto cada língua pode se transformar, e uma língua se diferencia de outra quase que só como um dialeto de outro dialeto, e não são tomadas de modo demasiado leviano, mas precisamente quando tomadas em todo o seu peso.²

Este trecho explica a difícil abordagem de Walter Benjamin tornando-a cristalina, eis porque Pannwitz é sempre utilizado quando se trata da posição de Benjamin sobre a teoria da tradução. Esse recorte também é citado, por exemplo, no livro “O poder da tradução” de John

¹ Cf.: HEIDERMANN, W. (org.) *Antologia bilíngüe – clássicos da teoria da tradução*. Vol. I: alemão-português. Florianópolis: UFSC/Núcleo de tradução, 2001. P.210f.

² Cf.: HEIDERMANN, W. (org.) *Antologia bilíngüe – clássicos da teoria da tradução*. Vol. I: alemão-português. Florianópolis: UFSC/Núcleo de tradução, 2001. P.210f.

Milton,³ considerado aqui no Brasil como um trabalho padrão. Traduzido do alemão, o recorte fica da seguinte forma:

Nossas traduções, inclusive as melhores, partem de uma premissa errada. Querem tornar hindi em grego, inglês em alemão, em vez de tornar alemão em hindi, grego em inglês... O erro básico do tradutor está em conservar o estado no qual sua própria língua está em vez de deixá-la ser poderosamente afetada pela língua estrangeira... Ele tem de estender e aprofundar sua língua por meio da língua estrangeira.

Comparemos este trecho com a tradução de Susana Kampff Lages:

Nossas traduções (mesmo as melhores) partem de um falso princípio, elas querem germanizar o sânscrito, o grego, o inglês, ao invés de sanscritizar, grecizar, anglicizar o alemão. (...) ⁴

Antoine Berman⁵, um outro autor do campo da teoria da tradução, cita, em um livro lançado há apenas 3 anos, a mesma obra de Rudolf Pannwitz utilizada por Walter Benjamin: “A crise da cultura européia”.

A fama destas poucas frases está em contraste com o quase que total esquecimento do seu autor. E o fato de Rudolf Pannwitz vir a ser o tema de uma pequena comunicação hoje, deve-se a uma imensa coincidência, a qual eu devo, resumidamente, relatar.

Em meu curso de “Teoria da Tradução” trabalhávamos com o texto de Benjamin, e uma estudante, Edeli Kubin Sarda, lembrou-se de já ter deparado com o nome de Rudolf Pannwitz. Ela procurou nos papéis, livros e documentos deixados por seu pai e descobriu a cópia datilografada de 36 cartas, as quais Rudolf Pannwitz enviara para a melhor amiga de seu pai em Ibirama, Santa Catarina durante os anos 30 e 40 do século passado, (mais exatamente no período entre 1930 e 1949).

Rosa Porndorfer imigrara para o Brasil em 1925, juntamente com seu marido e dois amigos, entre os quais o pai de minha estudante. Os pormenores da vida na Áustria e detalhes

³ MILTON, J. *O poder da tradução*. São Paulo: Ars Poetica, 1993. P.129.

⁴ In: HEIDERMAN, W. (org.) *Antologia bilíngüe – clássicos da teoria da tradução*. Vol. I: alemão-português. Florianópolis: UFSC/Núcleo de tradução, 2001. P.211f. Tradução de Susana Kampff Lages.

⁵ BERMAN, Antoine. *La traduction et la lettre ou l' auberge du lointain*. Paris: Seuil, 1999. P.79.

da imigração são relatados por Robert Porndorfer, em uma biografia não publicada, na qual ele narra a vida de sua esposa Rosa.

Uma primeira pesquisa na internet, nos arquivos especializados em literatura alemã da cidade de Marbach⁶, resultou não somente em uma listagem da impressionante obra de Pannwitz – em sua maior parte não publicada, estocada em 310 caixas – , mas mencionou também “Cartas de Robert e Rosa Porndorfer”, obviamente as contracartas das cartas agora surgidas aqui no Brasil de Pannwitz para Rosa Porndorfer. Em uma correspondência subsequente com o Arquivo em Marbach eu me informei sobre a possibilidade de uma avaliação do valor das cartas, mesmo à distância. Pensara, com isso, no valor histórico, literário, cultural. De forma peculiar o diretor do departamento de manuscritos do arquivo enviou-me um e-mail no qual ele estipula o valor das cartas da seguinte forma: “Uma única carta manuscrita, rica de conteúdo e bem conservada pode custar no mercado de autógrafos entre 80 e 130 euros.” O arquivo comunicou no mesmo e-mail que guardava “26 cartas de Robert Porndorfer para Rudolf Pannwitz do período entre 1949-1958 não datadas”. “Que se tratam na maior parte de cartas longas pode-se deduzir pelo volume: 96 páginas com 5 anexos (21 páginas) e com 28 fotografias. 5 correspondências de Pannwitz para Robert Porndorfer do período de 1950-1958 foram entregues aqui, em cópias de papel carbono.”

Naturalmente seria agora tentador conhecer todas as cartas de Pannwitz para Porndorfer e de Porndorfer para Pannwitz, para podermos avaliá-las no seu conjunto. Mas por enquanto devemos nos limitar às cópias das cartas de Pannwitz para Rosa Porndorfer. Se um primeiro exame conduzir a resultados relevantes, deveríamos considerar o esforço – em um futuro próximo – de conseguir e avaliar o material arquivado na Alemanha.

De que se trata na correspondência? O que aprendemos sobre a relação de ambos? O que aprendemos sobre Rudolf Pannwitz?

⁶ Disponível em: <<http://www.dla-marbach.de>>. Acesso em: ...

Ponto de partida da correspondência entre Rosa Porndorfer e Rudolf Pannwitz foram as tentativas literárias de Rosa, as quais ela enviara para Pannwitz pedindo por um pronunciamento, e que ele comenta. A relação que se manifesta na correspondência não é nunca de igual para igual; ela é sempre a relação de professor e aluna. Ambos tratam-se formalmente. Pannwitz não é somente filho de um professor, mas também trabalhara por vários anos como educador, a saber, nas casas de alguns proeminentes contemporâneos, como em casa do sociólogo Georg Simmel e do casal de pintores Lepsius.

Ambos tratam-se formalmente. Pannwitz escreve da posição de tutor, no início, aliás, com a severidade correspondente, no decorrer dos anos e décadas mais indulgente. “Permitir que entre jovens e amigos vós sejais comparada com Nietzsche é simplesmente uma impossibilidade tanto de gosto como de respeito. É impossível que vós tenhais entendido ao menos UMA palavra dele corretamente.”⁷ E: “Com isso eu vos digo tudo, o que vós errais e o que vos falta.”⁸ Uma palavra chave do objetivo de Pannwitz é “ajudar”. Mesmo na primeira carta ele já fala várias vezes disso. Ele oferece sua ajuda à Rosa – sua ajuda, que se constitui em aconselhá-la em adquirir uma “verdadeira formação”.

Esse aconselhamento parece ter o objetivo maior de trazer Rosa para o “chão”, tornar claro que ela não é o gênio que se considera ser. O tutor é muito prático neste ponto: ele avisa sobre alguns, por exemplo, Nietzsche. “Cuidado com Nietzsche. Ele é o maior. E por isso exige um maior distanciamento e proibem-se os equívocos. Caso contrário resulta o delírio.”⁹ e aconselha outros: a leitura de dois dos escritos de Pannwitz e, com urgência, o estudo intensivo do romance de Goethe “Os anos de aprendizagem de Wilhelm Meister”.

Se no começo trata-se exclusivamente de Rosa e seus trabalhos literários, no final da correspondência aparece mais e mais a figura de Pannwitz. O próprio Pannwitz diz com referência a isto: “O meu trabalho – e nele está toda a minha vida – quase que de certa forma

⁷ Carta 1, de 19.2.1930

⁸ Carta 1, de 19.2.1930

⁹ Carta 1, de 19.2.1930

cala-se sobre mim.”¹⁰ – diferentemente das cartas, que de forma alguma se calam sobre ele. A partir de 1935 Pannwitz, por assim dizer, abre-se com Porndorfer: ele escreve sobre si e sobre sua situação. “Sempre tive em toda minha vida preocupações e lutas extremas pelo meu sustento e instalação prática.”¹¹

As cartas do pós-guerra (de 1940 a 1947 a correspondência fora interrompida) retratam a necessidade e pobreza de Pannwitz e sua esposa. “Não temos nada mais e uma ajuda urge terrivelmente.”¹² Rosa Porndorfer ajuda, enviando pacotes para a Dalmácia e mais tarde para a Suíça. Das cartas e agradecimentos de Pannwitz sabemos o que foi desejado: “açúcar, geléia, café, chá”¹³, e o que foi respectivamente enviado: “carne, banha e arroz”¹⁴ ou “banha e açúcar”¹⁵.

Além dos mantimentos Rosa – que havia oferecido o seu engajamento pela edição da obra completa – envia dinheiro. Pannwitz rogara por tal em uma carta que documenta seu total desespero: “Então não temos literalmente mais nada. Lutamos inefavelmente e não medimos esforços. Pelo trabalho! Pela remuneração por tal trabalho, que nos priva da força do trabalho principal! Nem isso. Nada, nada [...] perdoai o pedido do desespero”¹⁶.

À miséria e pobreza, doença e insegurança adiciona-se o fato de que é cada vez mais difícil publicar. Nos últimos anos antes da guerra prevalece ainda a esperança (“Talvez no decorrer deste ano, algo seja novamente publicado”¹⁷); depois, uma estimativa realística é dominante (“Não cogito publicar, nem remotamente, o meu editor não publica mais nada, pois ele não vende mais nada.”¹⁸ E dois anos após o término da guerra: “Eu estimo tudo junto [sua

¹⁰ Carta 1, de 19.2.1930

¹¹ Carta 13, [Sine datum]

¹² Carta 21, de 24.4.1947

¹³ Carta 30, de 14.12.1948

¹⁴ Carta 34, de 16.7.1949

¹⁵ Carta 36, de 18.8.1949

¹⁶ Carta 33, de 24.5.1949

¹⁷ Carta 15, de 23.1.1937

¹⁸ Carta 18, de 28.1.1939

obra completa; W.H.] em algo como 50 volumes. Muito disto está praticamente pronto e a impressão poderia começar a qualquer momento. Mas o que eu devo ou posso esperar?”¹⁹

Pannwitz estava habituado a publicar, e experimentara tempos muito melhores. Muito antes, em 1904, ele fundara em conjunto com Otto zur Linde a revista *Charon*, uma revista literária de renome.

Se por um lado as dificuldades pessoais de Pannwitz determinam o tom da segunda metade das cartas, por outro, aprendemos nas primeiras cartas algo sobre a compreensão de literatura do esquecido filósofo da cultura. Como um fio condutor, eles estiram durante toda a correspondência os seguintes adjetivos, os quais Pannwitz usa também para a avaliação dos trabalhos de Rosa Porndorfer: *genuíno, simples, claro, verdadeiro, belo, puro*.

“Que vós vos defronteis com Nietzsche eu compreendo perfeitamente. ELE falar-vos-á sempre mais direta e facilmente à medida que vós encontreis a expressão da linguagem genuína, livre do culto de seitas e do patos literário. No âmago está tudo correto, mas vós ainda deveis aprender o que é a língua ruim, não literária. Em cartas, vós já tendes muito dela, mas podereis expressar muito mais das suas inexprimibilidades, quando o hábito de uma péssima cultura lingüística vos deixar e a própria natureza da língua criar raízes em vós”²⁰

Em 1938 Pannwitz publicou em Zurique uma obra com o título “Lebenshilfe”²¹ – auxílio de vida/auto-ajuda. Seu ensaio sobre o auxílio de vida/auto-ajuda se manifesta em numerosos comentários aforísticos na correspondência dirigida a Rosa Porndorfer. Alguns exemplos:

“Já é difícil construir uma vida, mas reformar uma que está desencaminhada é o mais difícil!”²²

¹⁹ Carta 26, de 27.12.1947

²⁰ Carta 12, de 2.9.1935

²¹ PANNWITZ, R. *Lebenshilfe*. Herausgegeben von Hans Trueb und Erwin Jaeckle. Zürich: Max Niehans, 1938.

²² Carta 3, de 21.7.1930

“Que o homem seja em si mesmo verdadeiro e se transforme tão bom e puro quanto possível.”²³

“Cada um pleiteia as alturas somente para si ou para os de mesma propensão, mas não se subleva contra a ordem mundial, que não é decente e nem pode ser.”²⁴

“Só nos diz respeito o que é atingível. O inatingível é proibido como tudo o que é infecundo.”²⁵

“Tudo o que é orientado nas massas e no efeito se desvirtua ou causa danos.”²⁶

“Deve-se conseguir viver sem os seres humanos, ou encontrar pessoas mais vivas. Tais estão à disposição em todo o mundo, somente é necessário que os despertem.”²⁷

Em trabalhos de referência Pannwitz é tido como “filósofo cultural e – crítico sob a influência de Nietzsche e George”²⁸. Essa influência manifesta-se também na correspondência, da qual temos conosco somente um lado: Nietzsche transparece o tempo todo. Além disso, os escritos de Pannwitz tratam de poetas do seu tempo, os quais ele avalia e através dos quais nós indiretamente podemos saber algo sobre sua compreensão da literatura. Os léxicos de literatura mencionam contatos “com Wolfskehl, Hofmannsthal, Mombert, Däubler e Vervey”²⁹, e Pannwitz expressa-se à sua amiga no Brasil da seguinte forma: “Poetas alemães de status eu conheço somente dois ainda vivos: ambos judeus: Wolfskehl e Mombert”³⁰. – dois autores alemães a propósito, que ainda hoje se encontram em obras de referência, mas não mais nas correntes histórias da literatura.

²³ Carta 4, de 10.7.1931

²⁴ Carta 4, de 10.7.1931

²⁵ Carta 4, de 10.7.1931

²⁶ Carta 9, de 11.9.1934

²⁷ Carta 9, de 11.9.1934

²⁸ WILPERT, Gero von. *Deutsches Dichterlexikon: biographisch-bibliographisches Handwörterbuch zur deutschen Literaturgeschichte*. Zweite erweiterte Auflage. Stuttgart: Alfred Kröner, 1976. P. 537f.

²⁹ *ibidem*

³⁰ Carta 18, de 28.1.1939

A lírica de Pannwitz é descrita como hino-mística, suas poesias lírico-épicas, que unem a religião e a metafísica, são obstinadas.³¹ O obscuro reina e a sua visão de uma renovação é marginal. A obra de Pannwitz não é facilmente acessível. O próprio autor estava ciente disso: “A minha obra é difícil, não é popular e não é popularizável. Ela deve ser levada muito a sério e ser apropriada com uma constante concentração, para que tenha o efeito desejado.”³²

O objetivo da cultura é composto, segundo Pannwitz, no ser humano que domina a si mesmo e arremata o cosmos. Em uma das cartas para Rosa Porndorfer o assunto é o cosmos, e a saber, na seguinte sentença epistemológica: “Se vós não vos tivésseis, como um ser humano auto-organizado no cosmo e nele auto-reconhecível, vós não poderíeis reconhecer-vos nem em números nem em outras figuras.”³³

As cartas de Rudolf Pannwitz a Rosa Porndorfer, tal como se encontram, nos permitem espiar as condições de vida extraordinariamente difíceis do filósofo e marcam os pontos de convergência éticos do seu trabalho. Porém, uma análise abrangente só será possível quando também as contracartas estiverem disponíveis. Depois poderia ser debatido, por exemplo, o quanto Pannwitz poderia ter ganhado com os impulsos de Rosa Porndorfer. Permanece a leitura, ora, parcial, o outro lado, até o momento, deixa-se deduzir apenas através de especulações. Os primeiros vestígios entretanto prometem muito, e algo a leitura das cartas esclareceu sobre o poeta e pensador, o qual tratava de uma nova unidade de filosofia, ciência e arte, mas também da unidade de um ocidente humanista, o qual ele defendia, em uma pretensão não exatamente modesta: “Eu sou necessário à europa, e a europa é necessária para mim.”³⁴

³¹ WILPERT, 1976

³² Carta 20, de 15.9.1940

³³ Carta 6, de 7.12.1933

³⁴ Carta 13, [sine datum]